

Diretório de Liturgia



Na liturgia a Palavra de Deus ocupa um lugar central. **A Palavra que se faz carne.**



**Diocese de Miracema
do Tocantins**





DIOCESE DE MIRACEMA DO TOCANTINS

DIRETÓRIO E ORIENTAÇÕES PARA A PASTORAL LITÚRGICA

Documento aprovado no dia 31/05/2020
Solenidade de Pentecostes

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	6
APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9

CAPÍTULO 1

CONCEITO DE LITURGIA	11
1.1. O espaço litúrgico	12
1.2. Lugares do espaço litúrgico	13
1.2.1. Presbitério	13
1.2.2. O altar	15
1.2.3. O ambão	16
1.2.4. A cadeira da presidência	17
1.2.5. A assembleia	17

CAPÍTULO 2

ORIENTAÇÕES PASTORAIS DA LITURGIA	18
2.1. Orientações ao receber a Santa Comunhão	22
2.2. Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão	22
2.3. Ministérios litúrgicos	24
2.4. Equipe de liturgia paroquial	26
2.5. Celebração da Palavra	26

CAPÍTULO 3

ORIENTAÇÕES PRÁTICAS NA ORNAMENTAÇÃO E DECORAÇÃO DO ESPAÇO LITÚRGICO 29

3.1. Toda decoração deve estar a serviço do projeto de arquitetura e da liturgia 29

3.2. Aos profissionais de fotografia e filmagem 31

3.3. Cantos e músicas 32

CONSIDERAÇÕES FINAIS 34

ANEXO I 35

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 39

LISTA DE SIGLAS

- CB** Cerimonial dos Bispos
- DGAE** Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
- GLP** Guia Litúrgico Pastoral da CNBB
- IGMR** Instrução Geral do Missal Romano
- SC** *Sacrosanctum Concilium* (Vaticano II)
- IRS** Introdução de Ritual Sacramental
- CDC** Código de Direito Canônico

APRESENTAÇÃO

Estimado irmão e irmã,

Após um período de retomada, estudo e reflexão do **DIRETÓRIO DA LITURGIA**, a equipe do 6º Plano Diocesano de Pastoral e Diretórios juntamente com a Equipe Diocesana de Liturgia, concluíram a revisão deste documento que norteará as orientações referente à Liturgia na Diocese de Miracema do Tocantins, nos próximos anos.

A Liturgia é a celebração do mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo e a prestação de culto a Deus. Onde expressamos nossa gratidão, nossa louvação, nosso jeito de celebrar, de nos comunicar em oração, rezando e cantando, nos encontrando com nosso Deus da Vida.

É importante celebrar bem. Ter uma liturgia viva, orante e bonita, não significa que devemos seguir modismos que as mídias atuais nos apresentam, ou seja, não inventar liturgias próprias, mas ser fiel aos documentos da Igreja.

“A liturgia não é um show, um espetáculo que necessite de diretores geniais e de atores de talento. A liturgia não vive de surpresas simpáticas, de invenções cativantes, mas de repetições solenes. Não deve exprimir a atualidade e o seu efêmero, mas o mistério do Sagrado.” *Precisamos resgatar* o silêncio, a mística, o sacrifício e a presença de Cristo Ressuscitado que permitem uma participação realmente profunda, pessoal, possibilitando a escuta interior da Palavra do Senhor.

Entretanto, para que este Diretório seja vivenciado intensamente em nossas paróquias/áreas missionárias e comunidades conto com ajuda de cada irmão sacerdote, diácono, religioso/a, equipe diocesana de liturgia, equipes de liturgia locais, enfim, de todas as pessoas que estão envolvidas na liturgia de nossa Igreja.

Minha gratidão a todos que com grande esmero e dedicação contribuíram na revisão deste documento, especialmente a equipe dos diretórios.

Que Santa Terezinha do Menino Jesus nos ajude a celebrar e viver bem cada Celebração e Eucaristia, sendo sinal da presença do Cristo Vivo e Ressuscitado em nosso meio.

Diocese de Miracema do Tocantins, 31 de maio de 2020.

Solenidade de Pentecostes

Unido em Cristo,
+ Philip Dickmans

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que as paróquias, áreas missionárias e comunidades valorizam as celebrações como momentos de ação de graças a Deus em Jesus Cristo e no Espírito, no meio da caminhada da vida, este diretório quer ser uma espinha dorsal da vida de fé e compromisso cristão. Dá testemunho de um louvor, que nasce da pobreza e do sofrimento, sem deixar de ser amoroso, bonito e cheio de esperança.

No esforço por uma liturgia fiel à tradição, mas com o rosto de nossa Diocese, este Diretório da Liturgia surge como um modo de encaminharmos uma identidade litúrgica, sem deixar de valorizar as realidades locais de cada paróquia, área missionária e comunidade; porém superando as distâncias vividas na liturgia e nos sacramentos, buscando uma unidade na postura e no modo de celebrar o dom da vida e o louvor a Deus nosso Pai. Qualquer celebração comunitária precisa de um mínimo de estrutura.

Em todas as religiões, há ritos para expressar as suas crenças. Na liturgia vivida em nossas paróquias, áreas missionárias e comunidades, a estrutura de cada celebração (ato litúrgico) deve prezar pela simplicidade, sem deixar de dar a devida dignidade e usar a criatividade que ajude a fazer uma fiel recordação da vida, explicitando o sentido do mistério celebrado, e valorizando os elementos próprios do tempo litúrgico e as circunstâncias da vida, expressas na cultura do povo.

Este Diretório sobre a vivência litúrgica em nossa Igreja Particular de Miracema do Tocantins é fruto de um processo

comunitário-participativo, no qual procuramos ouvir o que o “Espírito diz” para a maior glória de Deus. Assim, a Pastoral Diocesana da Liturgia, diante de uma lacuna sentida por todos, iniciou em 2010 um trabalho de escuta das paróquias de nossa Diocese, com avaliações e troca de ideias, com os responsáveis paroquiais pela animação litúrgica.

A grande preocupação foi reforçar o perfil de uma Pastoral Litúrgica na Diocese de Miracema do Tocantins que seja sinal do seguimento a Jesus Cristo, que comprometa a Comunidade e a torne sensível às necessidades dos irmãos, levando ao engajamento eclesial e social; uma Pastoral que empreenda esforços e iniciativas para animar a vida litúrgica da Diocese, Paróquia, Área Missionária e Comunidade. Assim como, na ação evangelizadora das pastorais, movimentos e organismos, levando em conta sua realidade histórica, cultural, social, eclesial/missionária para que todos possam participar da Liturgia de forma ativa, plena, e dela possam colher frutos espirituais.

A Pastoral Litúrgica que queremos é aquela que ajude as Comunidades a se apropriarem do princípio ditado pelo Concílio Vaticano II de que a *“Liturgia é cume e fonte da vida da Igreja e da sua ação pastoral”*. Pastoral Litúrgica que promova uma Liturgia de acordo com a visão de Igreja assumida na América Latina, a partir do Concílio e das Conferências Episcopais do nosso Continente.

CAPÍTULO 1

CONCEITO DE LITURGIA

“Liturgia é uma ação sagrada, através da qual, com ritos, na Igreja e pela Igreja, se exerce e se prolonga a obra sacerdotal de Cristo, que tem por objetivos a santificação das pessoas e a glorificação de Deus” (SC, 7).

Em outras palavras, a liturgia é a continuidade do plano de salvação do Pai, através da presença mística de Cristo nos sacramentos, que são administrados e perpetuados pela Igreja. Note-se: à Igreja cabe a missão de continuar a obra de Cristo que se dá, sobretudo, através da liturgia. Sem liturgia, não há Igreja e sem Igreja, não há liturgia. E sem liturgia, não há continuidade no mistério da salvação da humanidade.

Em sentido estrito, a liturgia é a celebração do Mistério Pascal, da paixão, da morte e da ressurreição de Cristo, isto é, de toda a história da salvação. Nessa celebração, os que sofrem e morrem unidos a Cristo e a seu Corpo, que é a Igreja, participam da vitória pascal sobre o mal e as forças da morte.

A liturgia é celebrada pela comunidade dos batizados (ministros ordenados, pessoas consagradas e leigos), reunida em torno de seu sumo sacerdote, Jesus Cristo. A celebração litúrgica implica necessariamente um compromisso com a transformação da realidade, em vista do crescimento do Reino de Deus.

Portanto, a comunidade eclesial torna-se Igreja Comunidade, enraizada na melhor Comunidade, a Santíssima Trindade, que valori-

za as relações intersubjetivas, comunitárias e sociais. Igreja da Palavra, de discípulos missionários, enraíza sua caminhada no Mistério Pascal celebrado na Liturgia e vivido no cotidiano; que nasce e se reúne pela graça batismal em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; Igreja servidora do Reino de Deus, solidária com os pobres e comprometida com a cidadania, no exercício do lava-pés; Igreja, Corpo de Cristo, em que todos os membros se alimentam da Palavra e do sacramento do Corpo do Senhor, bem como dos demais sacramentos.

Igreja, Povo Sacerdotal, que valoriza os Ministérios Eclesiais de homens e mulheres, cultivando uma mística batismal que sustente relações fraternas entre todos os Ministérios (ordenados ou não) compreendidos como manifestações do Espírito para o louvor e a glória de Deus Pai, no seguimento a Jesus e no serviço ao Povo de Deus, preferencialmente os mais pobres.

1.1. O espaço litúrgico

Com o mesmo carinho que os discípulos prepararam o lugar da ceia de Jesus, nós preparamos e organizamos o espaço da celebração, como quem acolhe a graça e a energia, presença de nosso Deus que se comunica conosco. O espaço da celebração é o lugar que abriga a assembleia dos cristãos convocados pelo Pai, em Cristo, na força do Espírito.

O espaço litúrgico apresenta-se como sacramento, através do qual fazemos a experiência da aliança com Deus, nos constituímos como Igreja de Cristo e recebemos o seu Espírito. Por isto, recomenda-se que as igrejas e todos os espaços permanentes sejam consagrados pelo bispo ou por quem ele delegar. Ao criarmos um espaço

para celebrarmos o Mistério Pascal de Jesus Cristo, precisamos considerar a unidade, a simbologia e a dignidade de tudo e de todos, a fim de favorecer a real intimidade entre a criatura e o Criador.

A decoração da igreja deve manifestar o caráter festivo da celebração. As flores, as velas e as luzes devem colaborar para que as celebrações sejam de fato memória da Páscoa de Jesus.

Os detalhes merecem cuidado especial, pois nunca se devem sobrepor ao essencial: as flores, por exemplo, não são mais importantes que o altar, o ambão e outros lugares simbólicos. Os excessos desvalorizam os sinais principais. A sobriedade da decoração favorece a concentração do Mistério (GLP, 10).

1.2. Lugares do espaço litúrgico

No interior de uma igreja temos diversos espaços onde se realizam as ações litúrgicas. A seguir passaremos a descrever alguns destes espaços.

1.2.1. Presbitério

O presbitério é o lugar onde os ministros ordenados, agindo na pessoa do próprio Cristo, exerce seu ministério litúrgico de presidir a assembleia celebrante. Afirma o Cerimonial dos Bispos: “O presbitério, ou seja, o espaço em que o bispo, presbíteros e ministros exercem o seu ministério, deve distinguir-se, de forma conveniente, da nave da igreja, ou seja, por uma posição mais elevada, ou por uma estrutura ou ornamentação especial, de modo a pôr em evidência, pela própria disposição, a função hierárquica dos ministros. Há de ser

suficientemente amplo para que os sagrados ritos se possam nele desenrolar e ver comodamente” (CB, 50). Além dos sacerdotes, diáconos e acólitos necessários no presbitério, os coroinhas também podem permanecer durante a celebração para auxiliar o presidente com o Missal, procissão das oferendas e outras funções próprias, porém que não haja número grande de coroinhas, sendo reservado um lugar próprio para os demais. Em momentos de celebrações solenes, os coroinhas ocuparão lugar próprio na assembleia.

Nas igrejas onde o presbitério é amplo e com espaço suficiente, os leitores também poderão ocupar um lugar à parte próximo ao Ambão da Palavra ou na lateral, caso contrário os mesmos ocuparão os primeiros bancos da nave.

Pela natureza do lugar, o presbitério deve ser, sempre, bem pensado e organizado, de forma coerente, de modo que não se tenham muitos objetos poluindo o espaço e impossibilitando, tantas vezes, a beleza da liturgia e a visibilidade do povo de Deus, que participa nos ofícios litúrgicos, bem como aqueles que lá exercem seus ministérios. Portanto, orientamos que não se tenham mais que:

- Altar, lugar da renovação da Aliança do Senhor;
- Ambão, para a proclamação da Palavra de Deus;
- A credência, para o uso dos vasos sagrados e viabilizando uma maior agilidade na celebração;
- As velas e/ou Círio, usadas na celebração;
- E um espaço para os símbolos de cada celebração, ou tempo litúrgico, nunca estes dificultando o acesso ao presbitério e a visibilidade do mesmo;
- As imagens, especialmente aquelas que são de representação de fé da comunidade, ou de devoção local, deverão ser colocadas em

outros lugares, não no presbitério. Pode se colocar a imagem do Padroeiro(a) e de Nossa Senhora em lugar de destaque, de preferência fora do presbitério. Nas solenidades e novenas, o padroeiro poderá ocupar um lugar no presbitério, porém, não haja exageros na ornamentação que pode tirar o foco principal que é o Altar.

- Os Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística (MECEs) são fiéis, quer leigos quer religiosos, que, depois de devida instrução, são instituídos pelo Bispo através de um mandato para auxiliar o sacerdote a distribuir a Sagrada Comunhão, quando necessário, e nas condições impostas pela lei litúrgica. Sobe ao presbitério somente quando for preciso e na hora de distribuir a comunhão. Na ausência dos Coroinhas auxilia o presidente na preparação das ofertas e outras funções necessárias.

1.2.2. O altar

O altar, onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais, é também a mesa do Senhor na qual o povo de Deus é convidado a participar por meio da Missa; é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia (IGMR, 296).

O altar representa aquilo que é mais sagrado para nós: Cristo em sua entrega total por nós, ontem, hoje e sempre. Deus nos manifesta a presença do sacrifício de Cristo na centralidade simbólica do altar. O altar não é um móvel, mas sim, um lugar simbólico, consagrado unicamente para a celebração da Eucaristia.

Pela natureza do altar, e riqueza simbólica, própria da liturgia da Igreja, lugar perfeito da celebração, símbolo da escada de Jacó, deve ser dado toda a dignidade, para que, enquanto simbologia, não percamos a riqueza que nos dá a Bíblia, história e vida que da Igreja recebemos.

O altar não pode fugir da sua essência que é celebrar o sacrifício sinal da graça de Deus. Por isso sobre o altar se cola somente o necessário para não tirar a verdadeira simbologia do mesmo.

- Coloca-se a toalha branca, que não cobre o altar por completo somente a parte superior. Onde existem ainda as toalhas coloridas podem fazer o uso evitando novas aquisições.
- Quando não tem crucifixo presente atrás do altar, coloca-se um pequeno crucifixo no altar.
- Os castiçais, conforme a tradição em muitas igrejas, e em nossa diocese, podem ficar um do lado esquerdo e outro à direita em cima do altar. Também poderão ficar ao lado do altar a direita e a esquerda, numa dimensão que não tira a beleza e o espaço litúrgico em torno do altar. Muitas vezes têm exageros nas medidas dos castiçais.

1.2.3. O ambão

O ambão é a mesa da Palavra assim como o altar é a mesa da Eucaristia. “Quando se leem as escrituras na Missa é o próprio Cristo que fala” (SC, 7). A força sacramental da Palavra na liturgia faz acontecer aquilo que anuncia: realiza nossa transformação Pascal (GLP, 4).

O ambão é peça fundamental no espaço litúrgico, mesa da partilha da mensagem salvífica de Deus, com dignidade semelhante à mesa da Eucaristia. Sobre ela, na verdade, Cristo se faz realmente presente e atuante na assembleia, oferecendo-se como “Pão da Palavra” para a vida dos cristãos. O ambão, enquanto símbolo, é ícone da tumba vazia do Salvador e presença do anúncio novo da Páscoa do Senhor.

Do ambão são proferidas somente as leituras, o salmo responsorial e o precônio pascal; também se podem proferir a homilia e a oração dos fiéis (IGMR, 309).

1.2.4. A cadeira da presidência

É o espaço destinado para o bispo, presbítero, diácono ou ministro, exercer seu ministério de presidência da assembleia. É o lugar de onde ele faz a abertura da celebração e de onde ele envia a comunidade para a missão. Na verdade, quem preside a Liturgia é o Cristo, na pessoa do presidente da assembleia litúrgica. O sacerdote, que preside a Eucaristia ou outro sacramento, e outros ministros que animam outras celebrações, são sinais sacramentais de Cristo Jesus que está presente, mas de maneira invisível. Ao presidir a celebração, ao elevar a oração a Deus em nome de todos, ao explicar a Palavra de Deus à comunidade, aquele que preside atua em nome de Cristo. Por isto, ele preside, ou seja, ele se senta diante de toda a assembleia, como representante do verdadeiro Presidente e Mestre, que é o Senhor Jesus.

1.2.5. A assembleia

A assembleia é o conjunto dos fiéis reunidos. Ocupa o espaço chamado de nave, onde ficam os bancos e os corredores. A assembleia litúrgica, porém, não é uma simples congregação de pessoas, como qualquer outra. Uma vez constituída, mais que um mero ajuntamento de pessoas, ela é uma comunhão de cristãos e cristãs, dispostos a ouvir atentamente a Palavra de Deus, participar e celebrar dignamente o Santo Mistério (Eucarístico). É o próprio corpo de Cristo, cujos membros somos nós.

CAPÍTULO 2

ORIENTAÇÕES PASTORAIS DA LITURGIA

Promover a formação bíblica e teológico-litúrgica para presbíteros, ministros/as da Palavra, leitores, salmistas, ministros(as) extraordinários da Sagrada Comunhão (GLP, 94) e acólitos(as), músicos (animadores do canto, cantores e instrumentistas) e também para o povo. Uma formação que conduza à participação ativa, consciente e frutuosa do Mistério Pascal do Senhor; que contribua para evitar criatividades sem critérios que alimenta o folclore religioso; e para superar o neo-ritualismo e clericalismo.

1. Para tanto, faz-se mister:

- Conhecer os Documentos da Igreja sobre a liturgia e continuar insistindo na necessidade da inculturação séria, enraizada na cultura e na tradição litúrgica, para unir vida e liturgia e fazer da liturgia fonte de espiritualidade.
- Incentivar o estudo da Constituição *Sacrosanctum Concilium* e dos Documentos da CNBB: *Animação da Vida Litúrgica no Brasil* (Doc, 43) e *Orientações sobre a Celebração da Palavra de Deus* (Doc, 52). Tornar conhecidos e acessíveis os subsídios que auxiliam na formação litúrgica das comunidades e agentes da pastoral litúrgica do Brasil, como o Guia Litúrgico Pastoral da CNBB e outros.
- Ter como prática metodológica a formação na ação, valendo-se do recurso pedagógico da “vivência litúrgica” em função do aprendizado não apenas como transmissão de conhecimento, mas que resulte do envolvimento da pessoa em sua totalidade.
- Os momentos formativos procurem integrar o diálogo com a piedade popular, para que as práticas devocionais não sejam paralelas e distantes do mistério pascal celebrado na liturgia.

- Promover a formação de agentes para participação em celebrações ecumênicas.
- Promover a adequada formação (bíblica, litúrgica, espiritual, técnica) dos ministros e ministras da Palavra.
- Superar dificuldades em relação às distâncias e aos recursos para custear as despesas de encontros e cursos de formação litúrgica.
- Criar e (onde já existe) valorizar o Ministério da Acolhida em nossas paróquias, áreas missionárias e assembleias litúrgicas.
- Onde for conveniente, os párocos/administradores e a equipe de liturgia criem as condições necessárias para substituir os folhetos litúrgicos, caso seja conveniente, desde que a comunidade tenha acesso às leituras por meio da liturgia diária e ou projetor, e que a projeção seja usada com moderação e não tire o foco da centralidade da liturgia.
- Que os terços, novenas dos padroeiros, rezas e outras devoções sejam feitos antes da Santa missa, não dentro do rito litúrgico da Santa Missa.
- Estar atentos à influência das celebrações transmitidas pela mídia que, tantas vezes, deturpam o sentido e a natureza da liturgia, evitar modismos litúrgicos copiados dos canais televisivos que em geral fogem às orientações do Diretório Diocesano de liturgia. Novenas que não tem a ver com a história e cultura local.
- Introduzir devoções somente pelo fato de serem promovidas por padres, religiosos ou leigos famosos que atuam nas mídias religiosas.
- Busque-se a inculturação das missas e de outras celebrações, resgatando a religiosidade, a cultura e as tradições do povo.
- Estudar e avaliar o processo de inculturação da liturgia, para garantir a ligação entre vida e liturgia, entre liturgia e cultura local.
- Recuperar o sentido do sagrado e do mistério frente a uma cultura que privilegia o material, a eficiência, e o científico.
- Cuidar da preparação das celebrações litúrgicas nas assembleias,

encontros de pastoral e nos eventos diocesanos. As celebrações diocesanas devem revelar a eclesiologia assumida nos últimos anos, bem como a vivência da espiritualidade missionária em nossa caminhada pastoral.

- Realizar a celebração da Palavra de Deus nas comunidades eclesiais que no Dia do Senhor ficam privadas da celebração Eucarística e, de preferência, presididas por ministros da própria comunidade.
- Proporcionar espaços que facilitem o acesso e a participação das pessoas com deficiências em nossas celebrações, realizando momentos de formação e celebrações para atender às pessoas com deficiência auditiva e visual.
- As vestes litúrgicas, inclusive a dos presidentes, sejam ordenados ou não, mostre a dignidade do que se celebra, assim, com simplicidade, mas sempre muito bem lavada e passada.

2. Retomar, com a devida solicitude, o cultivo da espiritualidade litúrgica que tem sua fonte no Mistério Pascal e se alimenta na celebração da Palavra, no Ofício Divino, no ano litúrgico, na música, nos sacramentos e, sobretudo, na celebração da Eucaristia. Para melhor aprofundar a vivência do mistério, enfatizar a dimensão orante e valorizar o silêncio nas celebrações.

- Organizar momentos de oração do Ofício das Horas com a comunidade;
- Incentivar a participação dos fiéis na adoração do Santíssimo Sacramento uma vez por semana, e em especial na Vigília do Tríduo Pascal;
- Incentivar e promover a prática da Leitura Orante da Palavra (Lectio Divina);

3. Recuperar, nas celebrações do Matrimônio, o sentido teológico da união do homem e da mulher à luz do Mistério Pascal de Jesus. O rito sacramental com seu potencial simbólico e sentido teológico seja o ponto de partida para a preparação dos noivos.

4. Dar atenção especial na preparação da celebração por ocasião da morte, momento privilegiado para responder à busca de sentido da vida, expresso no rito.

5. Rever a organização dos espaços celebrativos em nossas comunidades, a partir de critérios litúrgicos.

- Criar uma comissão diocesana de arte sacra, com assessoria de pessoas capacitadas (liturgistas, arquitetos, artistas...), para orientar presbíteros, para atuar na coordenação das Comunidades nas construções e reformas dos espaços celebrativos.

6. Fortalecer a Equipe Diocesana de Liturgia, com a participação de músicos, cantores/as, instrumentistas e animadores do canto.

- A “misericórdia pastoral” não se opõe à coerência e à verdade dos atos litúrgicos;

- Promover formação para as equipes paroquiais;

- Trabalhar para unir músicos e equipes de liturgia nas paróquias, áreas missionárias e comunidades, para que a música leve em conta o momento ritual e o tempo litúrgico, expressando o Mistério celebrado.

- Incentivar para que os salmos sejam cantados, com melodias de fácil participação do povo e que, de fato, reforcem a letra do salmo e ajudem a meditar.

- Nas procissões de oferendas sempre se deve entrar, por primeiro, os dons do pão e do vinho (galheta e âmbula).

- Valorizar e se possível adotar o hinário litúrgico, a Bíblia e a liturgia: Igreja em Oração (Nossa missa no dia a dia) da CNBB.

- Organizar um livro de canto, elaborado com critérios litúrgicos, que contemple todas as celebrações do ano litúrgico.

2.1. Orientação ao receber a Santa Comunhão

- “O fiel leigo, que já recebeu a Santíssima Eucaristia, pode recebê-la novamente no mesmo dia, somente na celebração Eucarística em que participa” (IRS, 95), salvo prescrição do CDC, 921, § 2.
- Dar especial atenção para que o comungante consuma a hóstia diante do ministro, de tal modo que ninguém se afaste levando na mão as espécies Eucarísticas. A Comunhão do Corpo do Senhor é alimento para a caminhada do povo peregrino, e não momento de adoração. A comunhão seja dada nas mãos do comungante. Quando houver a comunhão sob duas espécies, por intinção, o comungando recebe somente na boca.
- A purificação dos vasos sagrados deve ser feita logo após a distribuição da Comunhão pelo Sacerdote ou Diácono. Se houver muitos vasos, poderá ser feita logo após a Missa, (na credência) com o auxílio do Ministro Extraordinário da Eucaristia (IRS, 119).
- As orações da coleta, oferendas, pós-comunhão, a doxologia “Por Cristo, com Cristo...” e a oração pela paz, são exclusivas do presidente e não do povo.

2.2. Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão

- A denominação correta é **Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão**. Deve ser corrigido o uso das denominações anteriores ou que não sejam iguais a acima mencionada.
- São fiéis leigos, delegados pelo Bispo Diocesano, *ad actum ou ad tempus* (IRS, 155).
- Não podem usar túnica, mas, uma veste que expresse o serviço ministerial.
- O Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão seja católico praticante, profunda devoção eucarística, sólida formação doutrinal,

vivência comunitária, boa reputação e devidamente habilitado.

- Ainda sobre o Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão é importante observar:

- I. O mandato do Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão é de 2 anos, podendo ser renovado conforme orientação do Bispo;

- II. O Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão não substitui o Sacerdote;

- O Ministro da exposição do Santíssimo Sacramento e da bênção eucarística é o Sacerdote ou Diácono; em circunstâncias especiais o Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão pode, apenas, fazer a exposição e reposição.

- Como para os demais ministros não ordenados, haja no arquivo paroquial um fichário com os dados e informações de cada um deles.

- Cabe aos ministros extraordinários da Sagrada Comunhão realizar visita prévia aos doentes para saber a condição do enfermo, caso este necessite de atendimento de confissão e/ou unção dos enfermos, que são ministrados pelo sacerdote.

- Faz parte do ofício do Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão o atendimento aos doentes e a distribuição do viático ao mesmo. Prepare-se uma mesa digna, coberta com toalha, e seja observado o rito litúrgico, seguindo as orações preparatórias do rito da distribuição da Comunhão.

- A Sagrada Comunhão será transportada na “teca” e guardada cuidadosamente em bolsa própria. No caminho, o ministro conservará atitude de respeito, evitará deter-se em conversas, passar em bares, feiras, casas de comércio, dirigindo-se diretamente para a casa do enfermo.

- Cabe ao Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão, após atender os enfermos com a distribuição da Eucaristia, tendo sido consumidas todas as partículas, fazer a purificação da teca ou âmbula (vasos sagrados).

- A Cúria Diocesana fornecerá carteiras de identificação para os ministros extraordinários da Sagrada Comunhão, mediante pagamento de uma taxa conforme preço estipulado pelo bispo e o conselho presbiteral.

III. Todos estes encaminhamentos e orientações encontram-se no manual de Celebrações do Ministro Leigo da Diocese de Miracema do Tocantins.

2.3. Ministérios litúrgicos

A *Sacrosanctum Concilium* tratou como verdadeiros ministérios os acólitos, os leitores, os músicos... (SC, 29). No Brasil se destacaram os ministros/as extraordinário/as da Sagrada Comunhão e, mais recentemente, os ministros/as da Palavra com a função específica de coordenar as assembleias dominicais, como exercício da missão sacerdotal, herdada no Batismo. São verdadeiros ministérios, porque correspondem aos carismas dados pelo Espírito Santo em vista de responder às necessidades da Comunidade, para fazer atuar na história o Mistério da Salvação.

Observação: Na diocese de Miracema do Tocantins será instituído Acólito aquele que estar se preparando para ordenação diaconal e presbiteral.

Os ministérios litúrgicos, ao lado de tantos outros exercidos com dignidade, competência e generosidade, por incontável número de fiéis em nossas Comunidades, resgatam, mais uma vez, as três grandes imagens da Igreja, presentes no Novo Testamento e realçadas no Concílio Vaticano II: “Corpo de Cristo”, “Povo de Deus” e “Templo do Espírito”.

Uma Igreja que cresce em dinâmica comunitária, com a emergência de novos ministérios é, certamente, sempre mais, uma Igreja que se autocompreende como *comum-união* de pastores

e discípulos, de ministros ordenados e ministros e servidores, enraizada no Mistério Trinitário, onde há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo (1Cor 12,4-6). A igualdade fundamental de todos é sublinhada e, ao mesmo tempo, é salvaguardada a peculiaridade do ministério pastoral, que é de ser elo e sinal de comunhão entre fiéis e as comunidades, e destas com a Igreja primitiva de Jerusalém.

Os ministérios exercidos pelos fiéis são verdadeiros ministérios que correspondem aos carismas dados pelo Espírito Santo, em vista de responder às necessidades das comunidades, em sua função de fazer atuar na história o Mistério da Salvação. Se a carência de presbíteros indicou como solução estes ministérios, fique claro que eles podem existir, mesmo que havendo presbíteros em número suficiente para a demanda sacramental, pois, são carismas que devem ser acolhidos e estimulados na vida da Igreja. Os ministérios eclesiais (na presidência e nos demais serviços litúrgicos) têm função e dignidade própria, em decorrência do Batismo.

Em vista disso, os conselhos pastorais, de comum acordo com seus respectivos párocos/administradores, deverão determinar locais, dias e horários das celebrações que serão presididas pelos presbíteros, diáconos e pelos ministros, evitando, assim, possível desvalorização dos ministérios exercidos por leigos.

Haja formação para os ministros da Palavra e da Sagrada Comunhão, realizada nas paróquias/áreas missionárias ou comunidades, podendo contar com a Equipe Diocesana de Liturgia e Canto.

Quanto às vestes: sejam valorizadas, como elemento simbólico que dá visibilidade a todos os ministérios e correspondam ao senso religioso do povo. Seria um bom avanço se pudessem ser pensadas para todos os ministérios litúrgicos (coordenadores da celebração da Palavra, leitores, salmistas, ministros extraordinários da Sagrada Comunhão).

É importante valorizar e criar em todas as paróquias e áreas missionárias o Ministério da Palavra.

2.4. Equipe de liturgia paroquial

Haja sempre uma equipe de liturgia aberta à participação de um número maior e mais variável de pessoas, que vão se revezando na animação das missas. O presbítero participará, sempre que possível, da preparação com esta equipe, orientando, incentivando e formando os fiéis.

A equipe responsável pela celebração tem a missão de integrar os diversos serviços: do acolhimento, da presidência, da animação, do canto, da proclamação das leituras e outros. É imprescindível que a equipe, na preparação, considere o tempo litúrgico, a realidade de vida da comunidade eclesial; ler e refletir os textos bíblicos, prever comentários, as orações, os cantos e os gestos. O roteiro da celebração elaborado seja distribuído para o presidente pela equipe de liturgia, para que haja melhor sintonia nas celebrações.

Compete à equipe, com suas ideias, presença e serviço, ajudar a assembleia a vivenciar o verdadeiro encontro comunitário com o Pai, por Cristo vivo, no Espírito Santo, para se chegar a uma celebração inculturada, significativa e mistagógica. Cabe ao animador ou comentarista motivar a assembleia a dispor os corações, de modo amável e sucinto.

Ao utilizar projetor multimídia nas celebrações, não se prejudique a participação das pessoas no Mistério Pascal.

2.5. Celebração da Palavra

Há ainda várias comunidades eclesiais que não têm a presença de um presbítero para presidir a Celebração Eucarística. Sendo assim,

o povo de Deus busca o alimento na Palavra de Deus, na qual Cristo está presente (CNBB, 84). Ao realizar a Celebração da Palavra, a comunidade eclesial celebra o Mistério de Cristo em sua vida cristã.

Na Celebração da Palavra, com distribuição da Eucaristia, por não se tratar do Sacrifício Pascal, não se devem apresentar as oferendas, proclamar a Oração Eucarística, rezar o Cordeiro de Deus e dar a bênção própria dos ministros ordenados. São valores próprios da celebração da Palavra (CNBB, 99):

- Reunião dos fiéis para manifestar a Igreja;
- Proclamação e atualização da Palavra, que a faz transformadora;
- Preces, hinos, cantos, e os louvores e agradecimento, que são resposta orante dos fiéis;
- Saudação da paz, oferta de bens, quando houver Comunhão Eucarística, que expressam a solidariedade eclesial e o compromisso de transformar o mundo.

O ministro ordinário da Celebração da Palavra é o diácono, na ausência dele o/a ministro/a da Palavra ou alguém devidamente preparado.

A Celebração da Palavra de Deus é um ato litúrgico valorizado pela Igreja. É um espaço de leitura e meditação da Sagrada Escritura e a prática da leitura orante (CNBB, 52).

A Celebração da Palavra de Deus é espaço de alimentar a fé, a comunhão e o compromisso do Povo de Deus. Para realizar a Celebração da Palavra não há um ritual próprio. Mesmo assim a Igreja apresenta um caminho teológico-litúrgico a ser observado, valorizando os seguintes elementos:

- a) reunião em nome do Senhor;
- b) atualização da palavra;
- c) ação de graças;
- d) envio em missão. Enfim, o roteiro precisa levar os fiéis à

escuta e à meditação da Palavra de Deus, à oração e ao compromisso de vida (CNBB, 43, 53-55).

Percebemos a necessidade de aprofundar a importância e o sentido do Ministério da Palavra. Para esta tarefa nos serão muito úteis os documentos *"Instrumentum Laboris"* e *"Querida Amazônia"*. Estes nos oferecem uma reflexão profunda e necessária a respeito deste Ministério. Em uma Igreja toda Ministerial, o Ministério da Palavra deve contar com uma posição de destaque. Seja pelo fato de lidar diretamente com a Palavra de Deus ou devido a importância que ele tem em nossas comunidades que, em sua imensa maioria, não têm acesso à Celebração Eucarística.

CAPÍTULO 3

ORIENTAÇÕES PRÁTICAS NA ORNAMENTAÇÃO E DECORAÇÃO DO ESPAÇO LITÚRGICO

3.1. Toda decoração deve estar a serviço do projeto de arquitetura e da liturgia

A decoração do Templo não pode ser uma composição em si mesma, mas elemento de um todo. Por isso, tudo o que a comunidade faz, desde a construção, bem como pinturas, quadros, vitrais, ícones, decorações para as solenidades e datas importantes, deverá ser bem pensado e discutido para que o mesmo tenha sentido teológico e litúrgico.

- A ornamentação do Templo deve visar mais a nobre simplicidade do que a pompa. Na escolha dessa ornamentação, cuide-se da autenticidade dos materiais e procure-se assegurar a educação dos fiéis e a dignidade de todo o local sagrado (IGMR, 292).
- A maioria dos Templos já dispõe, no seu espaço, dos elementos necessários para as celebrações litúrgicas. Assim, o altar, o ambão, a cadeira presidencial, as imagens e as pinturas fazem parte da beleza da Igreja.
- Cobre-se um cheque caução para os atrasos nas celebrações de casamentos.
- O decorador se responsabiliza pela retirada da ornamentação, logo após a celebração, deixando o Templo devidamente limpo. Antes de assinar contrato, seja ele informado pela secretaria paroquial sobre os lugares possíveis do Templo que poderão ser ornamentados, evitando assim futuros aborrecimentos.
- Não permitir que sejam escondidos lugares da celebração com

elementos estranhos e artificiais que agridam o ambiente sagrado.

- O espaço da celebração não pode favorecer a discriminação ou a distinção de pessoas. O espírito cristão da celebração pede sobriedade, sem gastos supérfluos e sem ostentação.
- Na celebração da Eucaristia e demais sacramentos, os castiçais com velas sejam colocados ao lado do altar, se for no altar que sejam castiçais pequenos (os castiçais devem ser de acordo com a realidade, sem exageros, para que não atrapalhem a visão do altar e o espaço em torno do mesmo). As flores podem ser colocadas no chão, na frente do altar ou nos lados, nunca sobre o altar (GLP, 5).
- A assinatura das atas no final da celebração, não seja realizada no altar, mas numa mesa colocada especialmente para isto.
- Os arranjos de flores naturais colocados no presbitério, sejam proporcionais ao tamanho do local para que não impeçam o deslocamento do presidente da celebração e dos ministros e a visualização daquilo que é essencial, ou seja, o altar, o ambão e a presidência. Nunca se deve usar arranjos de flores artificiais, pois o mesmo não exprime a verdade das coisas.
- Na nave do Templo pode-se colocar uma ornamentação sóbria, que não impeça o acesso das pessoas aos assentos, como tecidos e véus ou arranjos florais.
- Evitar pompas e arranjos exagerados que contenham arcos, altas colunas de flores pelo corredor central, etc... Tais arranjos, além de terem altos custos, constituem para os convidados obstáculos à visualização do altar, dos noivos e daquele que preside a celebração.
- Para a colocação dos arranjos não está autorizada nenhuma modificação no interior da igreja como: deslocamento do altar, do ambão, de bancos, quadros, imagens, etc. De forma alguma os arranjos devem ser amarrados, fixados com percevejos, ou pregos, ou colados com adesivos nos bancos, portas ou paredes.
- Havendo danos materiais causados aos móveis do Templo, a pessoa

responsável pela ornamentação, daquele dia, deverá reparar financeiramente a comunidade paroquial.

- Quanto ao horário da decoração do Templo, informar-se na secretaria da paróquia. Como regra geral, a decoração não pode atrapalhar a celebração do culto ou da missa da comunidade.
- Estas orientações são para todas as celebrações dos sacramentos ou ao realizar celebrações comemorativas, como por exemplo, formaturas, aniversários de 15 anos, bodas, posses e outros.

3.2. Aos profissionais de fotografia e filmagem

Ao exercerem sua profissão no interior do templo, devem lembrar-se que estão fotografando e filmando um ato sagrado. Os sacramentos da Igreja são, primeiramente, “acontecimentos de salvação” e não apenas eventos a serem registrados. Em todos os momentos, haja discrição e respeito. No exercício de sua profissão, não poderão atrapalhar ou desviar a atenção dos que participam deste ato sagrado e devem observar durante o ato litúrgico um comportamento digno e respeitoso, tais como:

- Nos demais momentos, poderão filmar ou fotografar, com movimentos discretos, sem chamar a atenção dos que estão participando.
- Os profissionais de filmagem e fotografia não devem usar o presbitério para exercerem sua função durante o ato litúrgico por eles registrados.
- Os profissionais de foto e filmagem poderão atuar discretamente para registrar os momentos principais e depois retornar ao seu lugar junto à assembleia.
- Não colocar sobre o altar qualquer tipo de equipamento como: câmera fotográfica, filmadora, lentes, caixas, papéis, anotações, etc.
- Em hipótese alguma ocupar o lugar do presidente, nem mesmo antes do início da celebração.

- Não subir em bancos e cadeiras.
- Os fotógrafos e cinegrafistas deverão chegar antes do horário da celebração para instalar seus equipamentos.
- Não é permitido usar equipamentos que atrapalhem o desenrolar da celebração, como luzes fortes, cabos, tripés, gruas, etc.
- Está proibido o uso de telões e outros sistemas de iluminação (jogos de luz). A celebração litúrgica não é um show, não é um evento meramente social.
- O uso do Data Show deve ser utilizado de modo que ajude a melhorar a participação dos fiéis no Mistério celebrado.
- Durante a celebração jamais conversar ou chamar atenção de quem está celebrando.
- Nenhum fotógrafo ou cinegrafista poderá interromper ações litúrgicas como a procissão de entrada ou saída dos fiéis.
- Antes de cada celebração, sempre esclarecer as dúvidas com o presidente da celebração.

3.3. Cantos e músicas

A música é um dom divino e deverá ser exercido como um ministério, um serviço para o bem de todos. De modo especial, a música e o canto durante a realização de um ato sagrado são para ressaltar a dignidade do ato celebrado, jamais para atrapalhar ou dificultar a sua digna celebração.

Os músicos e cantores são parte integrante da assembleia. Geralmente, a equipe de cantos e os músicos ficam na frente, próximo ao presbitério. Chamados a participar juntamente com toda a assembleia, eles se colocam voltados para o lugar onde acontecem as ações rituais: ambão, altar, cadeira da presidência, fonte batismal, e nunca de frente para a assembleia como se estivessem se apresentando (GLP, 2).

- A música, na celebração de qualquer sacramento, deve ter caráter litúrgico e sacro. Deve ser adequada ao momento da celebração.
- Dê prioridade a músicas e cânticos católicos, evitando músicas e hinos protestantes, de cantores famosos, haja visto que há no hinário católico boas composições que dizem da natureza deste sacramento.
- Não se pode na celebração do matrimônio, tocar músicas de serestas, de filmes ou novelas, músicas românticas, mesmo instrumentais que, na maioria das vezes, lembram situações contrárias à vida conjugal cristã.
- Onde for possível, no tocante ao canto e à música, dê-se preferência aos cantores e instrumentistas da própria comunidade, evitando o costume de “importar” cantores e instrumentistas.
- Os músicos deverão entregar, antecipadamente, para o presidente da celebração e/ou equipe os títulos das músicas a serem executadas.
- O microfone do presidente seja o de melhor qualidade e, na medida do possível, de uso exclusivo.
- Nas celebrações do matrimônio realizadas fora da missa, poderão ser executadas músicas ou cantos litúrgicos prioritariamente nos seguintes momentos: na procissão de entrada, na aclamação ao Evangelho, após a entrega das alianças, durante a comunhão (se houver), durante as assinaturas e no final, para acompanhar a saída dos noivos. Seja evitado excessos vistos em celebrações civis, que possam ser sugeridos pelos noivos que não condizem com o rito cristão.
- Este Diretório, em relação a ornamentação e decoração, fotografia e filmagem, é válido para as demais celebrações dos sacramentos, como: Eucaristia, Crisma, Batismo, Ordem e outras celebrações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Diretório foca as ações litúrgicas que acontecem na celebração da Eucaristia e na celebração da Palavra de Deus. É oportuno destacar a importância da ação litúrgica no serviço dos demais sacramentos e dos sacramentais. Todos os sacramentos e sacramentais têm a finalidade de santificar a pessoa e elevar a Deus o louvor. Frente a dúvidas na realização da ação litúrgica, cabe consulta *Sacrosantum Concilium* e ao *Guia Litúrgico Pastoral da CNBB*.

Os casos omissos neste Diretório e orientações serão resolvidos pelo Bispo Diocesano, após parecer da Equipe Diocesana de Liturgia.

ANEXO I

Pastoral da Acolhida

1. Pastoral da Acolhida

A Pastoral da Acolhida nas comunidades eclesiais remete primeiramente à pessoa e à ação de Jesus Cristo. Aprender com o Mestre Jesus é a metodologia melhor e mais eficaz para a ação pastoral e para um acolhimento mais amadurecido e sem falsas ilusões.

A Sagrada Escritura dá ao termo acolhida um sentido mais profundo, desdobrando em outros gestos bíblicos de: “visita”, “hospitalidade!”

É Deus mesmo que vem visitar o seu povo: “Visitaste a terra e a regaste; tu a cumulas de riquezas” (Sl 65,10s). O cântico de Zacarias lembra a visita de Deus:

“Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou o seu povo e realizou a libertação” (Lc 1,68s). Também o seu Filho Jesus cultivava a atitude de visita.

A hospitalidade é uma virtude importante no povo de Israel (Gn 18, 1-8; 19, 1-8; Jz 19,9-34), um verdadeiro mandamento (Dt 10, 18s; Is 58,7; Mt 10,40-42).

Em relação a Jesus, foi ele quem experimentou a hospitalidade humana na casa de Simão (Lc 4, 38), em Caná. (Jo 2,2), na casa de Zaqueu (Lc 19,1-10), na casa de Lázaro, Marta e Maria (Jo 12,2-3), na casa de Simão (Mt 26, 6-7). Vários textos apresentam esta hospitalidade que o encontro de Jesus provoca, e vimos isto no texto de Emaús (Lc 24, 29-30).

Portanto, a hospitalidade é um gesto de caridade cristã (Rm 12,13; 1Tm 3,2; Tt 1,8; 1Pd 4,9; 3 Jo 5-8). O Ministério da Acolhida encontra seu fundamento em Mt 25,35ss e Rm 12,13, onde se convida a

hospedar nossos irmãos e irmãs em nossas próprias vidas.

O gesto hospitaleiro ainda se faz ver na comunidade dos pobres. São muito ilustrativos certos encontros de comunidades, onde os pobres hospedam os participantes vindos de lugares distantes. Francisco de Assis recomenda com muita insistência a hospitalidade, afirmando que ela é uma “graça do Senhor”.

Olhando para o texto bíblico de Eclesiástico 19, 18, “O temor do Senhor é o princípio do bom acolhimento e a sabedoria consegue o seu amor”, pode-se perceber a grandeza do sentido teológico e pastoral da acolhida para ação evangelizadora e litúrgica da comunidade eclesial.

Na vida de Jesus encontramos a má acolhida em Samaria (Lc 9, 51-53). Esse texto nos orienta para entendermos que muitas vezes também não seremos bem recebidos.

Aos agentes que assume a Pastoral da Acolhida, um modelo a ser seguido também é a pessoa de Maria, a mãe de Jesus. Foi por ser mulher da acolhida que a proposta do Deus da vida a tornou a Mãe do Salvador. Tornou-se mãe porque acolheu a Palavra. A Palavra de Deus é, por natureza, disponibilidade e abertura ao encontro do outro.

Fala-se de Pastoral da Acolhida como um meio de rever as atitudes dos cristãos em relação à acolhida das pessoas nas celebrações, na secretaria paroquial, bem como, na acolhida de novos moradores da comunidade. A finalidade desta Pastoral ajudará na integração dos fiéis na vida da comunidade.

A Pastoral da Acolhida é o primeiro passo da evangelização. Conforme o Catecismo da Igreja Católica: “A preparação do homem para acolher a graça já é obra da graça” (CIC, 2001). Compreende-se que a acolhida das pessoas facilita o encontro com Deus e com as demais pessoas.

1.1. Orientações gerais

- Integrar também a Equipe de Liturgia da comunidade, preparando em conjunto as celebrações com a responsabilidade específica de acolher as pessoas e favorecer um clima de bem-estar nas celebrações.
- Estar atento para descobrir, acolher e integrar na comunidade os novos moradores e os visitantes.
- Estar atento às despedidas de paroquianos que forem morar em outra paróquia/cidade.
- Promover na comunidade um clima familiar de acolhida.
- Formar na comunidade a Equipe de Pastoral da Acolhida.
- Ter espírito ecumênico e de diálogo religioso.

1.1.1. Características do membro da Pastoral da Acolhida

Ser membro da Pastoral da Acolhida é exercer o ministério como missão, uma vocação de caráter permanente e necessário para a comunidade.

Nesse sentido, são importantes algumas características para o membro desta pastoral:

- Cultiva uma maneira criativa de acolher;
- É uma presença atenciosa e disponível, seja numa reunião ou celebração;
- É aquele que vai ao encontro das pessoas;
- Exerce uma tarefa de caráter profético, oferecendo às pessoas um clima familiar de acolhida agradável de viver em comunidade;
- Trabalha em equipe em sua comunidade.

1.1.2. Equipe da Pastoral da Acolhida

Todo o trabalho da Equipe requer qualidade no atendimento às pessoas sendo sensível no trato com o ser Igreja. Importante destacar quatro aspectos na organização da Equipe:

- Elaborar um Plano de Ação para a comunidade paroquial.
- Promover a formação de agentes (equipes).
- Preparar e adquirir subsídios para a formação do grupo.
- Formar equipes, aproveitando aquelas pessoas que têm vocação para este trabalho específico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____, CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *SACROSANCTUM CONCILIUM* - COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos e declarações. 11ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969.

_____, *Guia Litúrgico Pastoral*. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Edição, Ed. CNBB, Brasília.

_____, Missal Romano. São Paulo: Paulus, 1992.

_____, GOEDERT, Valter Mauricio. Orientações para ministros extraordinários da Sagrada Comunhão. São Paulo: Paulus, 1991.

_____, Bíblia sagrada tradução oficial. Brasília 1ª ed: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2018.

EQUIPE DE ELABORAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO

Dom Philip Dickmans, Pe. Ricardo Campos Parreiras, Pe. Eduardo Ribeiro Gonçalves, Pe. Nilson Alves dos Santos, Pe. João Neto R. Nascimento, Ir. Ignês Sehnen, Pe. Rosivaldo, Ir. M^a Andrea da S. Bittencourt e Flávio Mendes Ribeiro

Correção de texto: Pe. José Sala

Correção Ortográfica: Rita Consuelo Galo, Vania Maria de Araújo Passos.

EQUIPE DE REVISÃO DA 2ª EDIÇÃO

Dom Philip Dickmans, Pe. Nilson Alves dos Santos, Padre José Orlando Pessoa, Pe. João Neto Rodrigues do Nascimento, Pe. Milton Alves da Silva, Ir. Valdilene Neves da Cruz e Ir. Eliane Pena dos Santos, CIIC.

Correção Ortográfica: Ir. Maria Iranilda Rodrigues, CIIC e Ir. Valdilene Neves da Cruz, CSAC.





SÚPLICA À SANTA TERESINHA

Minha Santa Teresinha do Menino Jesus, que prometestes enviar uma chuva de rosas sobre o mundo, peço-vos: realizai em minha vida vossa consoladora promessa. Preciso de uma chuva de graças, que lave minha alma nas águas das bênçãos do Pai. Intercedei por mim, junto ao vosso Bem-amado Jesus. Acompanhai-me com vossas orações, aumentai minha confiança na misericórdia divina. Desejo andar a passos largos no Pequeno Caminho que trilhastes, – caminho todo feito de dependência e entrega aos desígnios amorosos de Deus. Alcançai-me a graça de não duvidar do amor que Jesus tem por mim. Ajudai-me a crer diariamente no amparo de Deus sobre minha vida quando estou aflito(a), quando estou ansioso(a), quando estou enfermo(a), quando me sinto fraco(a) e desencorajado(a) para orar, trabalhar e amar. Concedei-me, da parte de Jesus, o dom da alegria, a capacidade de sorrir e crer, mesmo quando houver escuridão dentro de mim. Fizestes do Amor o objetivo e sentido de vossa breve vida. Enfrentastes com um sorriso todas as provações e nada negaste ao Bom Deus. Que Jesus, vosso amado esposo, Caminho, Verdade e Vida esteja sempre comigo e com as pessoas que amo.